

EDUCAÇÃO, AFETOS E EMANCIPAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE PARA UMA PEDAGOGIA DA POTÊNCIA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Liziany Muller¹⁵¹

Marco Aurélio da Silva¹⁵²

Resumo: Este artigo desenvolve uma análise teórico-crítica das contribuições da filosofia de Friedrich Nietzsche para a construção de uma pedagogia da potência no contexto contemporâneo, articulando os eixos da educação, dos afetos e da emancipação. Partindo de um diagnóstico crítico das transformações recentes da educação sob a racionalidade neoliberal, o texto mobiliza conceitos centrais do pensamento nietzschiano — como vontade de potência, crítica à moral ascética, transvaloração dos valores e formação como afirmação da vida — em diálogo com autores contemporâneos que problematizam os processos de subjetivação, controle e mercantilização da educação. Argumenta-se que uma pedagogia inspirada em Nietzsche possibilita deslocar a educação de uma lógica adaptativa e performativa para uma perspectiva afirmativa, ética e criadora, centrada na intensificação dos afetos ativos e na produção de subjetividades emancipadas.

Palavras-chave: educação; afetos; emancipação; Friedrich Nietzsche; pedagogia da potência.

Abstract: This article develops a theoretical-critical analysis of the contributions of Friedrich Nietzsche's philosophy to the construction of a pedagogy of potency in the contemporary context, articulating the axes of education, affects, and emancipation. Starting from a critical diagnosis of recent transformations in education under neoliberal rationality, the text mobilizes central concepts of Nietzschean thought—such as the will to power, the critique of ascetic morality, the transvaluation of values, and formation as the affirmation of life in dialogue with contemporary authors who problematize processes of subjectivation, control, and the commodification of education. It is argued that a pedagogy inspired by Nietzsche makes it possible to shift education from an adaptive and performative logic toward an affirmative,

¹⁵¹ Pós-doutora em Zootecnia-UFSM; Profa associada ao PPGEXR-UFSM. E-mail: liziany.muller@ufsm.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-6611>.

¹⁵² Doutor em Extensão Rural -UFSM; Mestre em Ciências Sociais - UFSM; Mestre em Educação - UNISC; E-mail: marcoarelio22000@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7358-5814>.

ethical, and creative perspective, centered on the intensification of active affects and the production of emancipated subjectivities.

Keywords: education; affects; emancipation; Friedrich Nietzsche; pedagogy of potency.

Resumen: Este artículo desarrolla un análisis teórico-crítico de las contribuciones de la filosofía de Friedrich Nietzsche a la construcción de una pedagogía de la potencia en el contexto contemporáneo, articulando los ejes de la educación, los afectos y la emancipación. A partir de un diagnóstico crítico de las transformaciones recientes de la educación bajo la racionalidad neoliberal, el texto moviliza conceptos centrales del pensamiento nietzscheano como voluntad de potencia, crítica a la moral ascética, transvaloración de los valores y formación como afirmación de la vida en diálogo con autores contemporáneos que problematizan los procesos de subjetivación, control y mercantilización de la educación. Se sostiene que una pedagogía inspirada en Nietzsche permite desplazar la educación de una lógica adaptativa y performativa hacia una perspectiva afirmativa, ética y creadora, centrada en la intensificación de los afectos activos y en la producción de subjetividades emancipadas.

Palabras clave: educación; afectos; emancipación; Friedrich Nietzsche; pedagogía de la potencia.

Introdução

Nas últimas décadas, a educação tem sido progressivamente atravessada por dispositivos de racionalidade instrumental que redefinem seus sentidos, finalidades e práticas. Sob a hegemonia de políticas educacionais orientadas por indicadores de desempenho, rankings internacionais, métricas de eficiência e avaliações padronizadas, os processos formativos passam a ser subordinados a uma lógica de governança que privilegia a mensuração, a competitividade e a produtividade. Tal racionalidade desloca a educação de seu horizonte ético-político e emancipatório, convertendo-a em engrenagem funcional da economia neoliberal e em tecnologia de regulação das condutas individuais e coletivas.

Esse movimento não se limita à reorganização administrativa ou curricular dos sistemas educacionais, mas incide diretamente sobre a constituição das subjetividades. A educação contemporânea tende a operar como um dispositivo de produção de sujeitos performativos, permanentemente avaliáveis, autorresponsabilizados por seus êxitos e fracassos, internalizando

imperativos de auto-otimização e autocontrole. Como apontam Ball (2021) e Han (2018), trata-se de uma pedagogia implícita da performance e da transparência, na qual o sujeito educativo é capturado por uma lógica de exposição contínua e de exploração de si, resultando em processos de exaustão psíquica e empobrecimento existencial.

Nesse contexto, evidencia-se uma crise estrutural do projeto moderno de educação, sobretudo no que diz respeito à promessa de emancipação por meio do conhecimento racional. A centralidade conferida à razão instrumental e à funcionalidade técnica tem produzido um esvaziamento sistemático das dimensões afetiva, corporal e experiencial da formação. A educação, cada vez mais orientada pela lógica da utilidade e da empregabilidade, distancia-se de qualquer compromisso com a formação integral, crítica e criadora, passando a funcionar como instância de normalização, adaptação e reprodução das formas sociais dominantes.

Diversos autores contemporâneos têm destacado que essa crise não é apenas pedagógica, mas profundamente ética e política. A redução da educação à gestão de competências e habilidades mensuráveis compromete sua capacidade de produzir experiências formativas significativas, capazes de afetar os sujeitos e transformar seus modos de existência. Nesse cenário, os afetos tendem a ser reprimidos ou instrumentalizados, enquanto o corpo é disciplinado e o pensamento, domesticado. O resultado é a formação de subjetividades marcadas pelo ressentimento, pela ansiedade e pela incapacidade de afirmar a própria potência de agir.

É precisamente nesse horizonte crítico que a filosofia de Friedrich Nietzsche adquire renovada atualidade. Embora elaborada no século XIX, sua crítica radical à moral ascética, à cultura da obediência e às instituições que operam pela negação da vida oferece ferramentas conceituais decisivas para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de formação. Nietzsche antecipa, de maneira contundente, o diagnóstico de uma cultura que enfraquece o humano ao submeter o pensamento, o corpo e os afetos a ideais abstratos de verdade, utilidade e produtividade, produzindo sujeitos conformados e ressentidos.

A crítica nietzschiana à educação não se limita à denúncia de seus efeitos normalizadores, mas aponta para a necessidade de uma transvaloração dos valores que sustentam os processos formativos. Ao conceber a formação como cultivo da vontade de potência, Nietzsche desloca o eixo da educação da adaptação social para a afirmação da vida, da criação e da diferença. Trata-se de uma concepção que compreende os afetos não como obstáculos à razão, mas como forças constitutivas da experiência humana e da produção de conhecimento.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da filosofia nietzschiana para a construção de uma pedagogia da potência no contexto contemporâneo, articulando criticamente os eixos da educação, dos afetos e da emancipação. Sustenta-se a tese de que uma pedagogia inspirada em Nietzsche possibilita resistir às lógicas contemporâneas de sujeição e esgotamento subjetivo, ao recolocar a formação como processo afirmativo, ético e criador, orientado pela intensificação das forças vitais e pela invenção de novos modos de existir.

Ao retomar Nietzsche em diálogo com autores críticos contemporâneos, este trabalho busca contribuir para o debate educacional ao propor uma reflexão que ultrapassa os limites da pedagogia normativa, situando a educação no campo das lutas pela vida, pela diferença e pela potência criadora no interior de sociedades marcadas pelo controle, pela performatividade e pela mercantilização da existência.

Nietzsche e a crítica à educação como domesticação

A crítica de Friedrich Nietzsche à educação moderna está intrinsecamente articulada ao seu diagnóstico da decadência cultural do Ocidente, compreendida como um processo histórico de enfraquecimento das forças vitais, de negação dos instintos e de domesticação do humano. Para o filósofo, as instituições educativas não se limitam à transmissão de saberes socialmente legitimados, mas operam como dispositivos centrais de produção de subjetividades ajustadas, obedientes e ressentidas. Ao privilegiar a utilidade social, a adaptação normativa e a reprodução acrítica de valores dominantes, a educação moderna converte-se em um mecanismo de normalização que impede a emergência da singularidade e da criação.

Essa crítica mantém plena atualidade quando confrontada com os modelos educacionais contemporâneos, profundamente marcados pela padronização curricular, pela performatividade e pela lógica da mensuração permanente. Conforme assinala Ball (2021), a educação neoliberal reorganiza escolas e universidades segundo princípios gerenciais que transformam o processo formativo em uma sequência de performances avaliáveis. Tal racionalidade reforça aquilo que Nietzsche já denunciava: a subordinação da formação a critérios de utilidade e eficiência, em detrimento da afirmação da vida e da potência criadora dos sujeitos.

Nietzsche compreende a educação como um dos principais vetores de disseminação da moral ascética, entendida como um sistema de valores que opera pela negação dos afetos, pela repressão dos instintos e pela culpabilização do desejo. No campo educacional, essa moral se

manifesta na valorização do conformismo intelectual, da disciplina acrítica e da obediência às verdades instituídas. A formação passa a operar não como intensificação da vida, mas como seu enfraquecimento progressivo, produzindo sujeitos incapazes de afirmar sua própria potência de agir.

Autores contemporâneos têm aprofundado essa leitura ao analisar como a educação participa ativamente dos processos de captura das forças subjetivas no capitalismo neoliberal. Safatle (2020) demonstra que a gestão educacional contemporânea se estrutura a partir de uma pedagogia do medo e da culpa, na qual o fracasso estrutural do sistema é deslocado para o indivíduo. Essa lógica ecoa diretamente a crítica nietzschiana à moral do ressentimento, que transforma a impotência em virtude e naturaliza a submissão como forma de vida aceitável.

Nesse mesmo horizonte, Han (2018; 2021) argumenta que a educação integra o regime psicopolítico da autoexploração, no qual os sujeitos internalizam os imperativos de desempenho e autootimização. A domesticação deixa de operar prioritariamente por coerção externa e passa a agir por meio da gestão dos afetos, estimulando a positividade excessiva, a autoexigência e a culpabilização. Trata-se de uma forma sofisticada de controle que enfraquece a capacidade de resistência ao capturar o desejo e a potência vital dos sujeitos.

A crítica nietzschiana também ilumina a transformação do conhecimento em capital cognitivo, característica das pedagogias contemporâneas orientadas pela empregabilidade e pela inovação mercadológica. O saber passa a ser valorizado por sua capacidade de conversão em desempenho e produtividade, esvaziando sua dimensão ética e estética. Como observa Larrosa (2019), aprender deixa de ser experiência para tornar-se mera aquisição de competências mensuráveis, rompendo o vínculo entre conhecimento, vida e formação.

Do ponto de vista da filosofia dos afetos, essa forma de educação atua diretamente na organização das forças que compõem os sujeitos. Ao produzir afetos reativos — como medo, ansiedade, ressentimento e culpa —, a educação domestica a vontade de potência, restringindo a capacidade de agir, criar e afirmar a vida. Nietzsche compreende os afetos não como elementos secundários da formação, mas como forças fundamentais que determinam os modos de existência. Uma educação orientada pela repressão afetiva produz corpos enfraquecidos e pensamentos submissos.

É precisamente nesse ponto que se delineia a possibilidade de uma formação afirmativa, em oposição à pedagogia da domesticação. A partir da noção de vontade de potência, a educação pode ser pensada como um processo de intensificação dos afetos ativos, aqueles que ampliam a potência de agir e favorecem a criação de novos valores. Formar, nesse horizonte,

significa criar condições para que os sujeitos organizem suas forças de modo afirmativo, rompendo com os valores que negam a vida e abrindo espaço para modos singulares de existência.

A crítica nietzschiana à educação como domesticação não se limita à denúncia de seus efeitos normalizadores, mas aponta para um deslocamento radical do próprio sentido da formação. Ao recolocar os afetos e a vontade de potência no centro do processo educativo, Nietzsche oferece as bases conceituais para uma pedagogia da potência, na qual educar deixa de ser domesticar para tornar-se afirmar, criar e experimentar a vida em sua multiplicidade.

Afetos, vontade de potência e formação afirmativa

No centro da filosofia de Friedrich Nietzsche encontra-se o conceito de vontade de potência, compreendido como força imanente de expansão, diferenciação e afirmação da vida. Distante de interpretações vulgarizadas que a associam exclusivamente à dominação ou ao exercício de poder sobre o outro, a vontade de potência diz respeito à capacidade de um corpo afetar e ser afetado, isto é, de intensificar suas relações, suas forças e suas possibilidades de existir. Trata-se de um princípio ontológico e ético que redefine o modo como se pensa a formação humana, deslocando-a de uma lógica normativa para uma lógica afirmativa e criadora.

Essa concepção implica uma ruptura profunda com as tradições pedagógicas que concebem a educação como transmissão de conteúdos, interiorização de normas ou adequação a modelos previamente definidos de sujeito. Sob a perspectiva nietzschiana, formar não é moldar, disciplinar ou ajustar, mas organizar forças, afetos e intensidades. A formação deixa de ser um processo de conformação e passa a ser entendida como produção de modos de existência, nos quais o sujeito se constitui na relação dinâmica entre corpo, pensamento e mundo.

Nesse sentido, os afetos ocupam um lugar central no processo educativo. Nietzsche compreende os afetos como forças que aumentam ou diminuem a potência de agir dos corpos. Afetos ativos como a alegria, a criação, a curiosidade e a experimentação ampliam as possibilidades de vida, enquanto afetos reativos como o medo, a culpa, o ressentimento e a submissão operam pela restrição da potência. Uma pedagogia da potência, portanto, não pode ser neutra em relação aos afetos que produz e organiza, pois são eles que determinam o tipo de subjetividade que emerge dos processos formativos.

Autores contemporâneos têm retomado essa dimensão afetiva da formação para criticar a educação orientada exclusivamente pela racionalidade instrumental. Safatle (2020) argumenta que toda política educacional é, também, uma política dos afetos, uma vez que organiza modos de sentir, desejar e se relacionar com o mundo. Quando a educação se estrutura a partir do medo do fracasso, da competição e da culpabilização individual, ela produz sujeitos fragilizados, capturados por afetos reativos, incapazes de afirmar sua potência criadora.

No mesmo horizonte crítico, Han (2018; 2021) demonstra que a educação contemporânea participa do regime psicopolítico da positividade, no qual os sujeitos são incentivados a explorar a si mesmos em nome do desempenho e da autorrealização. Essa lógica não elimina os afetos, mas os reconfigura, convertendo-os em instrumentos de autogestão e autoexploração. A formação, nesse contexto, deixa de fortalecer a vontade de potência e passa a esgotá-la, produzindo sujeitos exaustos, ansiosos e despotencializados.

Em contraposição a esse modelo, Masschelein e Simons (2019) defendem a escola como espaço de suspensão da lógica produtivista, no qual a formação pode recuperar sua dimensão experiencial, sensível e comum. Essa perspectiva dialoga diretamente com Nietzsche ao compreender a educação como prática de atenção, de abertura ao mundo e de cultivo de forças, e não como mera preparação para a inserção funcional no mercado. A escola, nesse sentido, pode tornar-se um espaço de afirmação da vida, desde que resista à captura pelos dispositivos de desempenho.

A pedagogia da potência implica, portanto, uma revalorização do corpo e da experiência sensível como dimensões constitutivas do processo formativo. Ao romper com a dicotomia moderna entre razão e afeto, essa abordagem reconhece que todo pensamento é atravessado por intensidades afetivas. Como afirma Deleuze (2018), pensar não é um exercício puramente racional, mas um acontecimento que envolve choques, deslocamentos e forças que violentam o pensamento e o arrancam de seus hábitos. Educar, nesse horizonte, é criar condições para que tais acontecimentos possam emergir.

Essa compreensão da formação como experiência afetiva e afirmativa desloca radicalmente o papel do educador e das práticas pedagógicas. Em vez de transmitir verdades estabilizadas, o educador atua como aquele que cria situações, encontros e experiências capazes de afetar os sujeitos e ampliar sua potência de agir. Trata-se de uma pedagogia da experimentação, do risco e da criação, que reconhece o caráter imprevisível e não linear dos processos formativos.

A articulação entre afetos, vontade de potência e formação afirmativa permite compreender a educação como prática ética e política de resistência. Em um contexto marcado pela normalização, pela performatividade e pela captura das subjetividades, afirmar a potência da vida por meio da educação significa criar fissuras nos dispositivos de controle e abrir espaço para a invenção de novos modos de existir, pensar e sentir. A pedagogia da potência, inspirada em Nietzsche, não promete adaptação nem segurança, mas aposta na criação, na diferença e na intensificação da vida como horizonte formativo.

Essa compreensão da educação como resistência desloca o sentido tradicional da emancipação, afastando-o de concepções que a reduzem à aquisição de autonomia formal ou à interiorização de competências críticas previamente definidas. Em Nietzsche, emancipar-se não significa libertar-se para um estado de equilíbrio ou harmonia, mas assumir o caráter trágico, instável e criador da existência. A formação emancipatória, nesse horizonte, envolve a capacidade de sustentar o conflito, o risco e a incerteza, elementos constitutivos de qualquer processo genuíno de criação de valores.

A noção de transvaloração dos valores emerge, assim, como eixo central para pensar a resistência pedagógica. Transvalorar implica questionar os valores que organizam os processos educativos de produtividade, eficiência, mérito, adaptação e interrogá-los a partir de seus efeitos sobre a vida. Quando a educação opera prioritariamente por meio de afetos reativos, ela reforça formas de sujeição; quando, ao contrário, cultiva afetos ativos, ela cria condições para que novos valores possam emergir no interior da experiência formativa. A pedagogia da potência torna-se, desse modo, um exercício contínuo de crítica e criação.

Nesse sentido, a resistência pedagógica não se reduz a uma oposição externa às políticas educacionais dominantes, mas se realiza no plano micropolítico da formação, na maneira como os tempos, os espaços, os corpos e os afetos são organizados no cotidiano educativo. Inspirada em Nietzsche, essa resistência não assume a forma da negação pura e simples, mas da afirmação de outras possibilidades de vida. Trata-se de resistir criando, deslocando os sentidos da educação e abrindo brechas para práticas formativas não capturadas pela lógica da performatividade.

É a partir desse deslocamento que a educação pode ser pensada como campo privilegiado de experimentação ética e política. Ao articular afetos, vontade de potência e transvaloração dos valores, a pedagogia da potência fornece as bases conceituais para uma compreensão da emancipação como processo aberto, inacabado e singular. Essa perspectiva prepara o terreno para a discussão da seção seguinte, na qual a emancipação será analisada a

partir da crítica nietzschiana à moral do ressentimento e da afirmação da resistência pedagógica como prática criadora de novos modos de existência.

Educação para o Além-Homem: formação, criação de si e superação da subjetividade domesticada

A noção de Além-Homem (*Übermensch*), apresentada por Friedrich Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, constitui um dos conceitos mais radicalmente mal compreendidos de sua filosofia, especialmente quando lido a partir de perspectivas moralistas, teleológicas ou normativas. Longe de designar um ideal antropológico superior ou um modelo a ser alcançado, o Além-Homem expressa um processo imanente de superação de si, no qual a vida se afirma como criação contínua de valores. No campo educacional, esse conceito não pode ser traduzido como meta pedagógica, mas como horizonte formativo que desloca radicalmente a compreensão da educação como adaptação, normalização ou reprodução social.

Pensar a educação para o Além-Homem implica compreender a formação como exercício permanente de transvaloração, isto é, como capacidade de questionar e reinventar os valores que organizam os modos de existir. Nesse sentido, a educação deixa de operar como instância de conservação cultural e passa a assumir um papel eminentemente criador. Nietzsche denuncia as instituições educativas que operam pela domesticação do humano, produzindo sujeitos obedientes, ressentidos e incapazes de afirmar a própria potência. A educação para o Além-Homem, em contraste, exige a coragem de romper com valores que negam a vida e de sustentar a instabilidade inerente à criação de novos sentidos.

A centralidade da vontade de potência é decisiva para essa compreensão. O Além-Homem não é aquele que domina, mas aquele que intensifica sua capacidade de afetar e ser afetado, organizando suas forças de modo afirmativo. Trata-se de uma figura existencial que emerge da afirmação dos afetos ativos, em oposição aos afetos reativos que sustentam a moral do ressentimento. No contexto educacional, isso implica pensar práticas formativas que não operem pelo medo, pela culpa ou pela obediência, mas que favoreçam a experimentação, a criação e a ampliação da potência de agir dos sujeitos.

A leitura deleuziana de Nietzsche contribui decisivamente para afastar qualquer interpretação transcendental do Além-Homem. Para Deleuze (2018), o Além-Homem deve ser compreendido como devir, isto é, como movimento contínuo de diferenciação e criação. Aplicada à educação, essa perspectiva permite pensar a formação como processo aberto, não

linear e não finalístico, no qual aprender é sempre tornar-se outro. A educação para o Além-Homem não visa formar identidades estáveis, mas favorecer processos de transformação que desestabilizam os modos de subjetivação dominantes.

Essa concepção adquire especial relevância quando confrontada com o diagnóstico contemporâneo da subjetividade neoliberal. Han (2018; 2021) demonstra que o sujeito do desempenho, produzido pelas lógicas da autoexploração e da positividade excessiva, encontra-se profundamente esgotado e incapaz de resistência. A educação para o Além-Homem, ao recusar a lógica da otimização e da autogestão permanente, apresenta-se como alternativa radical à formação orientada pela performatividade. Em vez de produzir sujeitos eficientes e adaptáveis, ela aposta na criação de sujeitos capazes de interromper, questionar e reinventar os imperativos que organizam a vida social.

Safatle (2020) reforça essa leitura ao afirmar que toda transformação política profunda exige uma reconfiguração dos regimes afetivos que sustentam a ordem social. A educação para o Além-Homem pode ser compreendida, nesse sentido, como uma prática de reorganização dos afetos, capaz de romper com a economia moral do medo, da culpa e do ressentimento. Ao favorecer afetos ativos, como a coragem, a alegria e a potência criadora, a formação torna-se espaço privilegiado de produção de subjetividades capazes de sustentar a ruptura com os valores hegemônicos.

Do ponto de vista da pedagogia crítica, Giroux (2020) enfatiza a necessidade de uma educação orientada pela imaginação radical e pela criação de futuros alternativos. Embora situado em outro campo teórico, esse argumento converge com Nietzsche ao afirmar que a educação não deve preparar os sujeitos para se adaptarem a um mundo injusto, mas capacitá-los a transformá-lo. A educação para o Além-Homem, nesse horizonte, pode ser compreendida como prática pedagógica que aposta na formação de sujeitos capazes de criar valores e mundos, em vez de simplesmente reproduzi-los.

Assim, a educação para o Além-Homem não propõe um modelo pedagógico fechado, nem um ideal normativo de sujeito, mas um deslocamento profundo do sentido da formação. Ao articular vontade de potência, afetos ativos e criação de valores, essa perspectiva recoloca a educação no campo da afirmação da vida e da experimentação ética. Em um cenário marcado pela domesticação, pela performatividade e pelo esgotamento subjetivo, educar para o Além-Homem significa criar condições para que a formação se torne um espaço de superação de si, de resistência criadora e de invenção contínua de modos de existir.

Emancipação, transvaloração e resistência pedagógica

A noção de emancipação em Friedrich Nietzsche distancia-se radicalmente das concepções iluministas que a vinculam prioritariamente à autonomia racional, à consciência reflexiva ou ao domínio de si por meio da razão. Em Nietzsche, emancipar-se não significa libertar-se de tutelas externas para alcançar um estado de autonomia estável, mas engajar-se em um processo permanente de transvaloração dos valores, isto é, de questionamento crítico dos fundamentos morais, culturais e epistemológicos que sustentam formas de vida empobrecidas, reativas e negadoras da potência vital. A emancipação assume, assim, um caráter trágico, experimental e criador, inseparável da afirmação da vida em sua instabilidade e multiplicidade.

A transvaloração dos valores não se reduz a uma simples inversão normativa, mas implica uma crítica profunda às estruturas que organizam o sentir, o pensar e o agir. Trata-se de um gesto ético e estético que interroga os valores dominantes a partir de seus efeitos sobre a vida. Quando determinados valores — como produtividade, eficiência, mérito ou adaptação — passam a operar como critérios absolutos da formação, eles produzem subjetividades capturadas por afetos reativos, como culpa, medo e ressentimento. A crítica nietzschiana permite evidenciar que tais valores não são neutros, mas dispositivos de domesticação que enfraquecem a vontade de potência.

No campo educacional, essa perspectiva implica compreender a formação como processo aberto, não linear e não normativo, que resiste à fixação de modelos universais de sujeito. A pedagogia da potência rejeita a ideia de uma formação orientada por finalidades previamente determinadas e aposta na singularidade dos percursos formativos, reconhecendo a educação como espaço de experimentação existencial. Nesse sentido, formar não é conduzir a um ideal de humanidade, mas criar condições para que cada sujeito possa inventar seus próprios modos de existir, em relação crítica com os valores herdados.

Autores contemporâneos têm retomado essa dimensão afirmativa da emancipação para criticar os efeitos normalizadores da educação neoliberal. Giroux (2020) destaca que a pedagogia crítica, para além da denúncia ideológica, deve assumir um compromisso com a imaginação radical e com a criação de alternativas ético-políticas. Safatle (2020), por sua vez, argumenta que a emancipação exige uma reconfiguração dos afetos que sustentam as práticas sociais, uma vez que não há transformação política sem transformação dos regimes afetivos que organizam a experiência.

A resistência pedagógica, nesse contexto, não se limita ao plano discursivo ou à crítica teórica das políticas educacionais, mas se realiza na invenção concreta de práticas formativas que desafiem a lógica da performatividade, da avaliação permanente e da competitividade. Inspirada em Nietzsche, essa resistência não assume a forma da negação pura e simples, mas da afirmação de outros modos de vida possíveis no interior do próprio processo educativo. Resistir, aqui, significa criar, deslocar sentidos, interromper automatismos e produzir experiências formativas que escapem à captura instrumental.

Tal resistência opera no plano micropolítico da educação, na maneira como os tempos, os espaços, os corpos e os afetos são organizados no cotidiano escolar e universitário. Ao suspender a lógica da aceleração, ao valorizar a experiência, a atenção e o encontro, a pedagogia da potência cria brechas nos dispositivos de controle e abre espaço para formas de aprendizagem que não se subordinam imediatamente à utilidade econômica. Trata-se de uma resistência que se dá no interior das práticas, e não apenas contra elas.

A emancipação, nessa perspectiva, não é um estado a ser alcançado, mas um processo contínuo de desidentificação e criação. Em consonância com a filosofia nietzschiana, ela envolve a coragem de romper com os valores que enfraquecem a vida e de sustentar a incerteza inerente à criação de novos sentidos. A educação emancipatória não oferece garantias, mas exige disposição para o risco, para o erro e para a experimentação, reconhecendo que toda formação verdadeiramente transformadora implica atravessar zonas de instabilidade.

Assim, a pedagogia da potência inspirada em Nietzsche propõe uma ética da formação orientada pela afirmação da vida, pela intensificação dos afetos ativos e pela criação de valores. Em um mundo marcado pelo esgotamento subjetivo, pela mercantilização da educação e pela captura das subjetividades, essa perspectiva recoloca a educação como espaço privilegiado de produção de sentidos, de resistência criadora e de invenção de mundos possíveis. Mais do que preparar para a adaptação, educar torna-se, nesse horizonte, um ato profundamente político de afirmação da potência do viver.

A pedagogia das competências sob crítica: performatividade, afetos reativos e empobrecimento da formação

A pedagogia das competências consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos principais paradigmas orientadores das políticas educacionais contemporâneas, especialmente no contexto da racionalidade neoliberal. Fundamentada na ideia de que a educação deve

desenvolver habilidades transferíveis, mensuráveis e adaptáveis às demandas do mercado de trabalho, essa abordagem redefine o sentido da formação ao subordiná-la à lógica da empregabilidade, da eficiência e da performatividade. O conhecimento deixa de ser concebido como experiência formativa e passa a ser tratado como capital cognitivo, passível de mensuração e conversão em resultados.

Sob a ótica da filosofia de Friedrich Nietzsche, tal racionalidade pedagógica pode ser compreendida como uma atualização sofisticada da educação como domesticação. A ênfase nas competências opera como um dispositivo de normalização que orienta os processos formativos para a adaptação funcional dos sujeitos às exigências do sistema econômico, produzindo subjetividades flexíveis, autorreguladas e permanentemente avaliáveis. Trata-se de uma pedagogia que não afirma a potência da vida, mas a captura, organizando os afetos de modo a favorecer a obediência, a autoculpa e o medo do fracasso.

A pedagogia das competências articula-se diretamente ao regime da performatividade descrito por Ball (2021), no qual estudantes e professores são constantemente convocados a demonstrar desempenho, produtividade e eficiência. Nesse regime, o valor da educação é deslocado para indicadores externos, rankings e métricas, enquanto os processos singulares de aprendizagem, os tempos da experiência e os afetos envolvidos na formação são sistematicamente desconsiderados. O que se produz, assim, é um empobrecimento da experiência educativa e uma intensificação dos afetos reativos.

Do ponto de vista dos afetos, a lógica das competências organiza a formação a partir de regimes emocionais marcados pela ansiedade, pela insegurança e pela culpabilização individual. Conforme argumenta Han (2018; 2021), o sujeito contemporâneo é interpelado a tornar-se empresário de si mesmo, responsabilizando-se integralmente por seu sucesso ou fracasso. No campo educacional, essa dinâmica transforma o estudante em gestor permanente de suas próprias competências, esvaziando a formação de qualquer dimensão coletiva, ética ou política.

Em contraste com essa perspectiva, a pedagogia da potência inspirada em Nietzsche propõe uma ruptura radical com a centralidade das competências como finalidade da educação. Ao invés de formar sujeitos competentes para responder a demandas externas, trata-se de criar condições para a intensificação da vontade de potência, isto é, para a ampliação da capacidade de afetar e ser afetado, de criar valores e de inventar modos singulares de existência. A formação deixa de ser orientada por resultados e passa a ser compreendida como processo aberto, experimental e imprevisível.

Nesse sentido, a crítica à pedagogia das competências não implica negar a importância do conhecimento ou das habilidades, mas questionar o regime de valores que as organiza. Quando as competências são absolutizadas, a educação perde sua dimensão formativa e emancipatória, convertendo-se em tecnologia de governo das subjetividades. A partir de Nietzsche, torna-se possível pensar uma educação que não se submeta à lógica da utilidade, mas que afirme o conhecimento como experiência transformadora da vida.

Assim, a pedagogia da potência se apresenta como contraponto crítico às pedagogias das competências, ao recolocar no centro da formação os afetos ativos, a criação, o pensamento crítico e a experimentação. Em vez de adaptar o sujeito ao mundo tal como ele é, a educação passa a operar como espaço de transvaloração dos valores, abrindo possibilidades para a invenção de outros modos de viver, aprender e ensinar no interior das instituições educativas.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidenciou que a filosofia de Friedrich Nietzsche oferece contribuições decisivas para a crítica da educação contemporânea e para a construção de uma pedagogia da potência orientada pela afirmação da vida. Ao articular educação, afetos e emancipação, foi possível demonstrar que os processos formativos não são neutros, mas profundamente implicados na produção de subjetividades e na organização dos regimes de sensibilidade que sustentam a ordem social vigente.

Em um contexto marcado pela hegemonia da racionalidade neoliberal, pela pedagogia das competências e pela cultura da performatividade, a educação tem sido progressivamente capturada por dispositivos de controle que operam pela normalização, pela mensuração e pela autoexploração. A partir de Nietzsche, tornou-se possível compreender tais dinâmicas como formas contemporâneas de domesticação, nas quais a vontade de potência é enfraquecida por meio da produção sistemática de afetos reativos, como medo, culpa e ressentimento.

A centralidade dos afetos revelou-se, nesse sentido, um eixo fundamental para a análise da formação. Longe de serem elementos secundários, os afetos constituem o próprio tecido da experiência educativa, determinando se a formação opera como intensificação ou como restrição da potência de agir. A pedagogia da potência, ao valorizar os afetos ativos, rompe com a tradição pedagógica que separa razão e sensibilidade, recolocando o corpo e a experiência no centro do processo formativo.

Ao retomar o conceito de vontade de potência, o artigo demonstrou que a formação não pode ser reduzida à aquisição de competências ou à adaptação funcional dos sujeitos às exigências do mercado. Formar, sob a perspectiva nietzschiana, significa organizar forças, criar condições para a experimentação e favorecer a emergência de modos singulares de existência. Trata-se de uma concepção de educação que recusa modelos universais e aposta na diferença, na criação e na pluralidade dos percursos formativos.

A discussão sobre emancipação permitiu deslocar o debate para além das concepções iluministas baseadas exclusivamente na autonomia racional. Em Nietzsche, emancipar-se implica transvalorar os valores que sustentam formas de vida empobrecidas, assumindo o caráter trágico, instável e criador da existência. A educação emancipatória, nesse horizonte, não oferece garantias nem promessas de segurança, mas exige coragem para enfrentar a incerteza e o risco inerentes à criação de novos sentidos.

A resistência pedagógica, tal como elaborada neste trabalho, não se limita à crítica discursiva das políticas educacionais, mas se realiza na invenção de práticas formativas que desafiam a lógica da performatividade e da avaliação permanente. Inspirada em Nietzsche, essa resistência é afirmativa: não se define apenas pelo que nega, mas pelo que cria, abrindo fissuras nos dispositivos de controle e possibilitando outras formas de aprender, ensinar e existir.

Nesse sentido, a pedagogia da potência apresenta-se como uma alternativa ético-política às pedagogias hegemônicas do desempenho e das competências. Ao afirmar a vida, os afetos e a criação como horizontes formativos, ela recoloca a educação no campo das lutas pela produção de sentidos e pela invenção de mundos possíveis, resistindo à mercantilização e ao esgotamento subjetivo que caracterizam o cenário contemporâneo.

Conclui-se que a atualidade da filosofia de Nietzsche para a educação não reside em oferecer modelos pedagógicos prontos, mas em provocar deslocamentos críticos que desestabilizam as certezas estabelecidas. Ao afirmar a formação como experiência, risco e criação, a pedagogia da potência convida educadores e pesquisadores a repensarem radicalmente o sentido da educação, não como adaptação ao mundo tal como ele é, mas como prática contínua de afirmação da potência do viver.

Referências bibliográficas

BALL, Stephen J. **The education debate**. 3. ed. Bristol: Policy Press, 2021.

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Rio, 2018.
- GIROUX, Henry A. **On critical pedagogy**. 2. ed. New York: Bloomsbury Academic, 2020.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.
- LARROSA, Jorge. **Esperar não é saber: sobre a experiência na educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2020.